

Os “monstros” de Virgílio no livro I das *Geórgicas*

Abstract: In this paper, we intend, after a short discussion of the several meanings of the Latin word *monstrum*, to point out some examples of the presence of “monstrosities” in Virgil’s *Georgics* first book.

Keywords: monstrosity in literature, Latin literature, Virgil, *Georgics*, textual analysis.

Resumo: Intenta-se, neste artigo, após a breve discussão dos vários sentidos da palavra *monstrum* na língua latina, apontar alguns exemplos de presença de “monstruosidades” no livro I das *Geórgicas* de Virgílio.

Palavras-chave: monstruosidade na literatura, literatura latina, Virgílio, *Geórgicas*, análise textual.

a) Introdução

A indagação sobre o tema das implicações envolvidas na palavra latina *monstrum* revela uma rica série de “ramos” semânticos e práticas culturais que se sobrepõem neste conceito múltiplo. Longe de quase apenas vincular-se, como em nosso entender moderno, ao plano do fantasioso ou meramente lendário, constata-se que a vida e as instituições romanas previam a efetiva existência e o regramento do monstruoso com vistas a atribuir-lhe um espaço aceitável no plano das relações intra-humanas ou, sobretudo, entre nosso gênero e o divino. Assim, de início convém lembrar que a raiz latina de *monstrum*, como nos ensinam Ernout e Meillet (1939, p. 629), identifica-se com a mesma do verbo *monstrare* (“mostrar”, “demonstrar”, “avisar”...), correspondendo, pois, o sentido primeiro do substantivo aludido ao de um “prodígio que adverte da vontade dos deuses”. Depois, observa-se a passagem dessa primitiva ideia, de caráter eminentemente religioso e, nem sempre, indicadora de desditas¹, para o significado específico de um *ente* (em vez de *evento*) inusitado por suas características; expressam essa segunda nuance, assim, certos dizeres dos etimologistas vistos, segundo os quais *monstrum* seria, desta feita, um “objeto ou ser de caráter sobrenatural” (Ernout e Meillet, 1939, p. 629).

É importante notar, no caso deste vocábulo latino, que, quando falamos nos sentidos “primitivo” e “derivado”, não se entende a “desaparição” do uso idiomático do significado inicial com a vinda do segundo ou de outros mais possíveis, pois, tendo havido inequívoco encaminhamento polissêmico, a própria língua latina clássica conheceu todo um variado espectro de empregos para o termo *monstrum*. Julgamos corresponder ao mais antigo significado de *monstrum* no latim certo uso presente no canto quinto da *Eneida* virgiliana. Aludimos ao estranho fenômeno divisado quando Acestes, um dos companheiros de Eneias no desterro de Troia, lançou vitorioso sua seta a fim de perfurar o pombo preso por um cordel a um poste e que forcejava por escapar, dificultando a tarefa dos envolvidos nesta parte dos jogos fúnebres em honra dos *Manes* de Anquises: ocorre, de fato, que o caminho da flecha atirada pela personagem nos é descrito por Virgílio como tendo-se inflamado miraculosamente antes de atingir o alvo (Virgílio, 2002, V 519-538).

Riccardo Scarcia, comentador e responsável pela edição Rizzoli da *Eneida* virgiliana, explica-nos em nota elucidativa a essa passagem que o *monstrum* (“prodígio”) em pauta revestir-se-ia então de nuances premonitórias positivas, pois indicia o estabelecimento futuro e bem sucedido da colônia troiana de Acesta por Acestes, sob a generosa concessão de poderes do *pater Aeneas* (Virgílio, 2002, p. 568). Por outro lado, um curioso trecho do *De diuinatione* ciceroniano, obra, como se sabe, construída como diálogo entre a personagem identificada com o mesmo Cícero e seu irmão Quinto, em torno do tema da validade ou não das práticas adivinhatórias correntes em Roma republicana, mostra-nos um uso da palavra *monstrum* mais próximo da segunda ideia passível de comunicar-se por ela (Cicéron, s.d., I 24). Trata-se do que vemos em I 24 e constitui o relato de Quinto sobre um sonho premonitório do general Haníbal, o cartaginês, no tocante a seus sucessos vindouros na invasão da inimiga Itália através da rota alpina. Para esse polo do diálogo que, por sinal, coloca-se, à diferença de Cícero, como defensor da ideia da plena confiabilidade da adivinhação, certa fera (*monstrum*) sonhada por Haníbal antes do evento, estranha por ser grande, terrível e destrutiva, com o corpo inteiro entrelaçado de serpentes e capaz de aniquilar tudo (árvores, edifícios, ramadas...) em seu caminho, viera indicar-lhe da parte dos deuses sua iminente vitória na guerra².

Por outro lado, embora nem sempre se encontrem na literatura latina claras designações de semelhantes “eventos” pelo termo *monstrum*, também o são os vários seres (homens e animais) disformes

elencados pelo dito Júlio Obsequente em seu *Liber Prodigiorum*: com muita frequência, como é o caso dos andróginos, ao que tudo indica tidos por funestos sinais do rompimento da *pax deorum*, divisamos nesta obra fortes nexos entre sua existência e desgraças contadas em seguida ou, ainda, práticas expiatórias brutais como o afogamento marítimo ou a incineração em vida de crianças dotadas dessa dupla natureza (Julius Obsequens, 1864, p. 838, p. 843...). *Monstrum*, nesse sentido concreto das pessoas nascidas com anomalias físicas (divergente número de dedos nas mãos e nos pés, mais de uma cabeça pegada ao tronco, genitais ambíguos...), correspondia, implicações religiosas à parte, também a um conceito do velho direito romano, isto é, o dos seres que não podiam ser reconhecidos como filhos de seus pais por destoarem do aceitável quanto aos mínimos padrões da “normalidade” humana. Já as Doze Tábuas das Leis aludiam ao destino esperado para tais *monstra* humanos (a execução sumária), como nos faz recordar Cícero a propósito de uma comparação depreciativa com o tribunato da plebe em *De legibus* III VIII 19:

Deinde, quom esset cito necatus tamquam ex XII tabulis insignis ad deformitatem puer, breui tempore nescio quo pacto recreatus multoque taetrior et foedior renatus est³.

O dicionário latino-inglês de Oxford, por sua vez, enumera, entre os sentidos do verbete *monstrum*, o de “uma coisa ou evento terrível ou monstruoso” e, ainda, o de “uma criatura monstruosa ou horrível, monstro, monstruosidade” (Glare, 1968). No primeiro caso, não podendo aplicar-se o caráter da feiúra ou deformidade, propriamente, a *algo que aconteça*, entendemos pela descrição do lexicógrafo que o caráter de ser terrível de uma dada coisa ou evento se relaciona, antes, ao fato de se tornarem eles muito nocivos ou ameaçadores para alguém; por outro lado, quando examinamos a segunda definição oferecida para a mesma palavra, parece-nos óbvio que se trata de *seres* ameaçadores inclusive, se não de todo exclusivamente, pelo aspecto repugnante que possam apresentar.

Em outras palavras, depreende-se, de ideias sempre ligadas às tradições religiosas da cultura latina, que por força preconizavam a noção da interferência divina no mundo por meio de signos aos que os soubessem ler (Ferguson, 1982, p. 150ss), passamos, com as últimas nuances semânticas de *monstrum* vistas, para planos apenas em parte aparentados com elas. Ocorre, se nos cabe esboçar sem grandes pretensões a trajetória desse vocábulo no latim, que os seres ou eventos monstruosos, no sentido religioso, por vezes carregavam em si más

implicações (como quando se tratava dos sinais de descontentamento dos deuses com a comunidade de adoradores) e, não raro, como ao haver a nascença de uma criança ou animal anatomicamente peculiares, o aspecto da deformidade física. Assim, de um contexto em que os *monstra* deveriam atemorizar não tanto pelo que aparentavam, mas pelo que carregassem em si enquanto misteriosos desdobramentos no âmbito da quebra da *pax deorum*⁴ (ainda que fossem repulsivos!), a língua latina estendeu-lhes a vigência ameaçadora também para os casos em que sua face temível era apenas mantida em superfície, quer se tratasse isso de um mau evento de todo realizado no mundo concreto, quer de um ser real (uma feia serpente) ou imaginário (uma quimera) passível de causar-nos arrepios...

Por fim, merece ao menos um comentário passageiro a circunstância em que se aplica o termo *monstrum*, metaforicamente, a seres humanos dotados de excessiva crueldade. Esse sentido derradeiro, de resto arrolado também pelo dicionário de Oxford no mesmo verbete, parece-nos evidentemente tributário do terceiro significado que propusemos acima, já que um varão ou mulher belíssimos pelo físico poderiam sempre, caso não se conformassem aos mínimos padrões requeridos de qualquer homem respeitador da dignidade do próximo, fazer-se “monstros” de crueza ou perfídia⁵.

A temática do monstruoso, com mais de um sentido possível dentre os arrolados, adentra as *Geórgicas* de Virgílio como motivo disperso ao longo de seus quatro livros. No dito “poema da terra” do célebre autor romano, pois, encontramos com alguma frequência sobretudo a ideia da monstruosidade como resultado da atuação nociva de entes variados sobre o microcosmo do *agricola* itálico, a considerar-se, por sua vez, espécie de retrato simbólico dos embates humanos no mundo. Ocorre, explica-se, que a época da trajetória do homem descrita por Virgílio nesse texto corresponde miticamente à Idade Férrea, com o fim de todas as benesses da existência sob o reinado de Saturno (Commelin, 1983, pp. 173-174).

Em outras palavras, o ambiente de desenvolvimento da vida quotidiana dos camponeses de Virgílio não é mais tão receptivo, quer para os homens, quer para os animais e plantas com que lidam, e isso acaba, por vezes, por refletir-se em ameaças ou malefícios recíprocos da parte de todos os “atuantes” nesse movimentado “cenário”. Mas, sendo representante de um nascente pan-italianismo (Wilkinson, 1997, pp. 153-159) e cioso guardião das tradições pátrias como antídoto no mínimo paliativo contra os males de seu tempo, Virgílio também incorpora o significado mais “básico” do monstruoso a vários pontos

do poema, relatando-nos, nesse sentido, eventos “sobrenaturais” tidos por anunciadores do agrado ou desagrado dos deuses.

Por fim, ressaltando que numa obra de conteúdo também mítico (e não só histórico e “científico”) como as *Geórgicas* há ainda que se esperar alguma mínima concessão à ideia dos monstros segundo o quarto significado veiculado no dicionário de Oxford⁶, finaliza-se esta introdução para passarmos ao objetivo maior do artigo: a abordagem localizada dos monstros de Virgílio no livro inaugural do poema.

b) Os “monstros” em *Geórgicas* I

A presença do “monstruoso” na *Geórgica* primeira de Virgílio pode ser apontada, julgamos, em quatro passagens essenciais. A primeira delas (I 119-124ss), de grande importância para a múltipla compreensão virgiliana da natureza do trabalho ou de qualquer interação do homem em nosso mundo, assume tons francamente míticos:

Nec tamen, haec cum sint hominumque boumque labores
uersando terram experti, nihil improbus anser
Strymoniaeque grues et amaris intiba fibris
officiunt aut umbra nocet. Pater ipse colendi
haud facilem esse viam voluit primusque per artem
mouit agros, curis acuens mortalia corda,
nec torpere graui passus sua regna ueterno⁷.

120

Inserido-se, com a escrita desses versos, numa tradição que remonta ao próprio Hesíodo de *Os trabalhos e os dias*, o poeta latino alude ao mito do fim da Idade Áurea como era de aparecimento de grandes dificuldades para os mortais. Segundo comentamos em outras circunstâncias, porém (Trevizam, 2006, p. 183), ele difere aqui de seu correlato didático helênico por não atribuir ao evento um sentido puramente desastroso: como revela o trecho que se segue sem pausa aos versos acima, não fossem as dificuldades advindas da “degenerescência” do mundo, ainda estaríamos embotados no torpor de uma vida fácil, desprovidos do estímulo para buscar superar-nos e sobreviver, relegados a um estado de quase que plena absorção pela esfera natural...

Foi, portanto, para fazer frente a “monstros” como a “pata má” (*improbus anser*, v. 119), os “corvos do Estrimão” (*Strymoniaeque grues*, v. 120), a “endívia de fibras amargas” (*amaris intiba fibris*, v. 120), a “sombra” (*umbra*, v. 121), as “serpentes” (*serpentibus*, v. 129) e os “lobos” (*lupos*, v. 130) que o homem da Idade Férrea, ele mesmo um *durus*, como insiste com frequência o poeta, engendrou as artes (v. 133) e, especificamente, descobriu a agricultura (v. 134), o fogo (v. 135), a

navegação (v. 136-138), a caça (v. 139-140), a pesca (v. 141-142) e a metalurgia (v. 143-144). Tal inventividade, no entanto, não deve ser vista à maneira de algo sem prováveis desdobramentos funestos até para partes inócuas da natureza ou o próprio ser humano: não por acaso, de acordo com o recorrente padrão das *Geórgicas* de associar as práticas agrárias à violência de que apenas aparentam dissociar-se⁸, muitas das criações no início surgidas da vontade de contrapor-se à dureza da Idade Férrea apresentam riscos de degenerar sobretudo em meios destrutivos. É o caso do fogo, das naus e das armas fabricadas pelo domínio da forja, cujos usos, depreende-se de várias passagens da literatura latina ou das *Geórgicas* mesmas⁹, com frequência têm-se desviado de meros objetivos de “defesa” contra um mundo hostil.

Até o lavrador, por vezes apresentado nesta obra como espécie de exceção aos males de um tempo iníquo¹⁰, não se furta a sentidos perigosamente próximos da nocividade que tendemos a atribuir a outros (os *monstra* do universo animal, botânico, atmosférico ou numinoso), podendo-se também dizê-lo eventual partidário da força injustificada sobre elementos do meio onde vive. Isso, por exemplo, parece-nos ocorrer quando Virgílio apresenta em II 207-211 a dura imagem das velhas árvores (*nemora*, v. 208) carregadas de ninhos e a extirpar-se para abrir clareiras¹¹, favorecendo-nos entender os “inventores” vistos há pouco mais em gradativo estado de espelhamento com seus “inimigos” do que de absoluta “inocência”.

Depois, de todo inseridos num trecho de preceituação agrária do mestre de agricultura ficcionalmente criado por Virgílio, chega-se à parte das indicações para fazer-se a eira de debulha de cereais:

Area cum primis ingenti aequando cylindro et uertenda manu et creta solidanda tenaci, ne subeant herbae neu puluere uicta fatiscat,	180
tum uariae inludunt pestes: saepe exiguus mus sub terris posuitque domos atque horrea fecit, aut oculis capti fodere cubilia talpae, inuentusque cauis bufo et quae plurima terrae monstra ferunt, populatque ingentem farris acruom	185
curculio atque inopi metuens formica senectae ¹² .	

Encontramos acima uma das três únicas¹³ menções à palavra *monstrum* neste poema de Virgílio (v. 185), aplicada, de forma curiosa, a animais aparentemente insignificantes diante do ser humano, como simples “ratos” (*mus*, v. 181), “toupeiras” (*talpae*, v. 183), “sapos” (*bufo*, v. 184), “gorgulhos” (*curculio*, v. 186) e “formigas” (*formicae*, v. 186). Ocorre, no entanto, que seu potencial destrutivo não é desprezível,

pois, insinuando-se ou agindo em conjunto, essas pequeninas criaturas podem invalidar todos os resultados penosamente conquistados no domínio agrícola (as colheitas) pelos ativos lavradores da Idade Férrea.

Isso significa que a “monstruosidade” de tais pequenos animais é assimilável àquela que discutimos há pouco para os entes nocivos introduzidos no mundo ao término da Idade Áurea: trata-se sempre de duros antagonistas do homem na luta diária pela sobrevivência, não importando sua escala ou banalidade. Tem-se nos dois casos, portanto, uma espécie de perigosa incorporação do monstruoso pelo dia-a-dia dos camponeses retratados por Virgílio, pois, imaginamos, a natural abundância de gorgulhos, formigas, serpentes ou outras “pragas” na era “piorada” em que vivemos contribui para tornar os primeiros, com muita frequência, vulneráveis. É, aliás, característica dos relatos míticos da queda humana do estado de bem-aventurança inicial a ideia do *perene* encerramento do repouso para os mortais: à semelhança da maldição bíblica sobre Adão e sua prole¹⁴, também notamos desde o fim da passagem vista antes que o mero sustento dos *agricolae* deparados na leitura das *Geórgicas* torna imprescindível o trabalho e a vigilância contínuos.

Daí, por sinal, a proximidade em outros pontos proposta por Virgílio entre as esferas bélica e agrária da cultura¹⁵, pois, à maneira de soldados, os camponeses precisam amiúde mostrar energia, coragem, cuidado, previsão e persistência a fim de ultrapassarem os desafios que se lhes apresentam quase sem trégua. Deve-se ainda observar que tal direcionamento de compreensão da vida infunde, trivialidades à parte, certa nobreza representativa no panorama dos rudes afazeres humanos descritos: de forma combinada, o “parentesco” entre a poesia didática composta e a épica (nos aspectos métrico, de interesse pela formação do público¹⁶, de recurso a expedientes elocutórios típicos como os símiles...), as retomadas por Virgílio de material homérico, por exemplo¹⁷, o uso de vocabulário evocativo de esferas mais sublimes¹⁸ e o fato, como temos intentado dizer, de que os antagonistas dos “soldados” das *Geórgicas* sejam às vezes nada menos que “monstros” atribuem aos modestos *agricolae* virgilianos muito de heróico.

Por outro lado, a riqueza de eventos a preencherem a rotina dos lavradores virgilianos, bem como o inesperado alçamento de sua estatura para planos distintos do mais chão contribuem para dotar os versos das *Geórgicas* de reconhecido interesse expressivo. O terceiro trecho que escolhemos para o comentário do monstruoso na primeira

Geórgica virgiliana, assim, mostra-nos uma espécie de mudança do foco de proveniência dos inimigos naturais do homem e, ainda, de sua escala:

Quid tempestates autumni et sidera dicam
 atque, ubi iam breuiorque dies et mollior aestas,
 quae uigilanda uiris, uel cum ruit imbriferum uer,
 spicea iam campis cum messis inhorruit et cum
 frumenta in uiridi stipula lactentia turgent? 315
 Saepe ego, cum flauis messorum induceret aruis
 agricola et fragili iam stringeret hordea culmo,
 omnia uentorum concurrere proelia uidi,
 quae grauidam late segetem ab radicibus imis
 sublimem expulsam eruerent, ita turbine nigro 320
 ferret hiems culmumque leuem stipulasque uolantis.
 Saepe etiam immensum caelo uenit agmen aquarum
 et foedam glomerant tempestatem imbribus atris
 collectae ex alto nubes; ruit arduos aether
 et pluuiā ingenti sata laeta boumque labores 325
 diluit; implentur fossae et caua flumina crescunt
 cum sonitu feruetque fretis spirantibus aequor.¹⁹

Nesses versos, notamos, os “monstros” identificam-se com fenômenos meteorológicos desastrosos para o ser humano justamente na fase crítica que precede as colheitas. Pois, fato significativo demais para passar despercebido ao *magister* agrário incorporado por Virgílio, então as searas estão “grávidas” de frutos, mas esses ainda não adentraram o “seguro” domínio do agricultor em seus celeiros. Assim, os vendavais podem arruinar “largamente a plantação grávida, desde as mais fundas raízes/ expulsa para os ares” (v. 319-320), inutilizando todos os esforços empregados para produzir o alimento até então; a “imensa massa das águas” (*immensum agmen aquarum*, v. 322) e as “nuvens reunidas do alto” (*collectae ex alto nubes*, v. 324), por sua vez, inundam os campos, vão-se com os aguaceiros os “campos felizes” (*sata laeta*, v. 325) e os “trabalhos dos bois” (*boumque labores*, v. 325).

Embora ainda aqui persista a ideia manifesta nas duas passagens anteriores do monstruoso como evento (ou ser) terrível por sua nocividade, e daí assustador, há que se notar importantes diferenças. Desse modo, consideramos, não cabe ao homem pensar em bater-se contra fenômenos tão supra-proporcionados quanto os vendavais e tempestades de início de outono (ou primavera): em sua pequenez, apenas lhe resta em casos assim precaver-se, inclusive suplicando aos deuses para que o livrem da desgraça da perda das colheitas bem na fase final dos trabalhos de cultivo; ele poderia, ainda, conhecendo “o

caráter mutável do clima”²⁰ em sua região de morada, atentar para os sinais do tempo e antecipar-se a tais agentes destruidores na tarefa de segar os campos. Em todo caso, ressaltamos comparativamente, embora um formigueiro ou uma toupeira invasora de eiras, por exemplo, pudessem ser “derrotados” pelo uso dos braços de um camponês atento, o mesmo não se dá com inimigos de porte tão maior quanto os fenômenos meteorológicos adversos descritos, ora prevalecendo a recorrência ao sagrado, ora à mera previsão...

Em outras palavras, à maneira de um Ulisses na gruta de Polifemo, os “heróis” de Virgílio a depararem seus “monstros” nestas novas circunstâncias *não* partirão para a lida com “armas” nas mãos. Deve-se observar, a propósito dessa aproximação entre a monstruosidade desmesurada dos ventos e tempestades das *Geórgicas* e o ser fantasioso retratado por Homero no canto IX da *Odisséia*, que ela também se sustenta por ter a mitologia greco-latina atribuído “corporificações” aos dois primeiros. Segundo nos explica Commelin, Hesíodo deu filiação divina (a Noto, Bóreas e Zéfiro) ou oriunda dos Gigantes (aos demais) aos ventos, e surgem em Homero e Virgílio como súditos de Éolo, rei do arquipélago das Eólias (Commelin, 1983, p. 96-99). Ainda segundo ele, enquanto o levantino Euro, filho da Aurora, era mostrado como um jovem alado, trigueiro e jovial, Bóreas, de origem nórdica, era impetuoso (metamorfoseara-se em cavalo certa feita para raptar Orítia, princesa ateniense que lhe fora negada!), o Aquilão, por vezes confundido com esse último, correspondia a um velho de madeixas brancas e a Noto (ou Austro), vento do sul, coube a figura de um ancião muito alto, de ar sombrio, com longos cabelos brancos e a gotejar água por todo o corpo; por fim, Zéfiro, vento do ocidente, tinha a imagem de um moço com asas de borboleta e portava uma alegre coroa de flores sobre a cabeça.

Curiosamente, não faltou sequer a personificação da Tempestade pelos cultos latinos: para o mesmo mitólogo (Commelin, 1983, p. 99), ela fora entendida como ninfa aérea e Marcelo, sobrinho dileto do imperador Augusto, consagrara-lhe uma capela perto da *Porta Capena*, em Roma. De feições severas, segundo a iconografia encontrada em alguns monumentos antigos, cabia-lhe o sacrifício de um touro negro nos cultos.

Ora, a existência de semelhantes personificações no imaginário antigo, inclusive, como buscamos expor, com dar-se aos ventos ou à Tempestade atributos físicos, representa para o leitor desta obra de Virgílio ao menos a chance de evocá-las a fim de enriquecer sua leitura no contexto de que tratamos. Embora os dois tipos de agentes

meteorológicos ameaçadores (ou, como propomos, monstruosos) aludidos no presente trecho das *Geórgicas* estejam, aqui, faltos de grandes atributos antropomórficos, não seria, em absoluto, demasiado supor alguma mínima relação de equivalência entre a natureza animada dos *agricolae* e a desses seus “inimigos” naturais (ou divinos): acaso não se dá, em ambos os lados do embate, que sempre divise-mos o emprego de forças capazes de transformar a seu modo o palco de desenvolvimento do drama diário dos camponeses de Virgílio? E, em espécie de concorrência pelo destino a conceder às colheitas, por exemplo (salvá-las ou perdê-las sem volta?), de determinar um ou outro desfecho distinto para a luta a que assistimos apreensivos?

Segundo cremos, pois, a variação dos “monstros” com que se têm de haver os *agricolae* da Idade Férrea para um plano tão contrastante com o da “insignificância” dos pequenos seres vistos antes e o viés de leitura mítica, descortinado de forma mesmo homérica diante de tais antagonistas do homem, dotam o tema das ameaças climáticas ao equilíbrio conquistado de peculiar interesse imaginativo neste livro primeiro. Pois, está-se a ver, não mais estamos aqui diante de *monstra* quase que apenas metaforicamente compreendidos, mas de eventos, na verdade, de muito maiores e mais sugestivas dimensões...

A última aparição dos monstros de Virgílio nesta primeira *Geórgica*, por sua vez, reveste-se de peculiaridades que não há nas demais tratadas. Pois, neste ponto, adentramos em definitivo o campo semântico “matricial” da palavra *monstrum* em latim. São, por conseguinte, presságios, prodígios, aparições agourentas que se nos desvelam em seguida:

Ille etiam extincto miseratus Caesare Romam,
cum caput obscura nitidum ferrugine texit
impiaque aeternam timuerunt saecula noctem.
Tempore quamquam illo tellus quoque et aequora ponti
obscenaque canes importunaequae uolucres 470
signa dabant. Quotiens Cyclopum efferuere in agros
uidimus undantem ruptis fornacibus Aetnam
flammarumque globos liquefactaque uoluere saxa!
Armorum sonitum toto Germania caelo
audiit; insolitis tremuerunt motibus Alpes. 475
Vox quoque per lucos uolgo exaudita silentis
ingens, et simulacra modiis pallentia miris
uisa sub obscurum noctis pecudesque locutae
(infandum!); sistunt amnes terraeque dehiscunt
et maestum illacrimat templis ebur aeraque sudant. 480
Proluit insano contorquens uertice siluas
fluuiorum rex Eridanus camposque per omnis
cum stabulis armenta tulit. Nec tempore eodem

tristibus aut extis fibrae apparere minaces	
aut puteis manare cruor cessauit, et altae	485
per noctem resonare lupis ululantibus urbes.	
Non alias caelo ceciderunt plura sereno	
fulgura nec diri toties arsere cometae.	
Ergo inter sese paribus concurrere telis	
Romanas acies iterum uidere Philippi;	490
nec fuit indignum superis bis sanguine nostro	
Emathiam et latos Haemi pinguescere campos. ²¹	

A passagem inicia-se com uma alusão aos eventos das Guerras Civis em Roma: o assassinato do ditador Júlio César nos Idos de março de 44 a.C. e a série de signos funestos que se seguiram ao fato apresentado, por Virgílio, como espécie de sacrilégio (cf. *impia saecula*, v. 468). Não podemos esquecer-nos que as *Geórgicas* se inserem na “fase” de decisiva proximidade entre o poeta e a nascente casa imperial romana: embora alusões ao *deus* identificado com o imperador Augusto surjam na produção do autor desde as elogiosas palavras de Títo a Melibeu na égloga primeira²², a composição desse poema didático sob influência dos *haud mollia iussa* de Mecenas, o célebre “agente cultural” do *princeps*, vincula-o indelevelmente ao plano político. Modernamente, não se deve com isso entender que tenha havido “pressões” do poder ou a direta “encomenda” pecuniária da obra completa ao autor, mas, segundo a posição defendida por Grimal (1994, pp. 273-275), antes o incentivo localizado do amigo a Virgílio e sua conformidade a um encaminhamento histórico irreversível. É que, explica-nos o erudito francês, a ideia de uma Itália como berço comum de todos os seus bravos habitantes, segundo celebrada com entusiasmo nas *Geórgicas*, nascera da articulação de Júlio César²³ e fora reforçada por Otaviano, o futuro imperador Augusto, para opor-se moral e militarmente à “ameaça” representada pelo exotismo egípcio de Marco Antônio e Cleópatra. Assim, com o gradativo apaziguamento do mundo sob o jugo latino nas mãos de César e, em seguida, de seu filho adotivo (Augusto), alcançava-se pouco a pouco a tão almejada paz de que o escritor, formado na “escola” epicurista, não podia prescindir.

Nesse sentido (de aquiescer à amizade por Mecenas e ao apelo dos feitos augustanos), as *Geórgicas* prestaram-se, de fato, a fins propagandísticos indiretos, isto é, resultantes de prováveis inclinações *pessoais* do autor pelos novos líderes que via surgir, o que explica o tom patético neste fecho do livro primeiro do poema e a decisiva incorporação do numinoso. Ora, devemos frisar a importância concedida pelos antigos romanos aos *monstra* admonitórios de todo tipo: presen-

tes nos registros dessa cultura desde os velhos “Anais Pontificais” (de Coulanges, s.d., pp. 118-119), correspondiam a uma espécie de fala dos deuses aos homens, com quem se alegravam ou irritavam-se por seus atos. Portanto, o curioso suceder de agouros à *impietas* do assassinato de César (por que Virgílio não os fez anteceder, com o caráter potencialmente indicador de eventos futuros, sobretudo esse desfecho, que entende injusto?) sinaliza-nos de maneira inequívoca a compreensão do poeta sobre o caráter ofensivo aos deuses de sua realização e os prováveis maus desdobramentos posteriores.

Deve-se, ainda, atentar para o fato de que o desfecho da batalha de Filipos, aludida nos trechos finais da sequência transcrita (v. 490), provavelmente é visto por Virgílio como duro castigo divino contra os “maus” romanos (os assassinos e fraticidas), pois muitas das tropas que se enfrentaram na localidade macedônica em 42 a.C., sob o respectivo comando de Marco Antônio e Otaviano ou Bruto e Cássio (neste caso, os principais idealizadores do conluio contra César!) tinham, até então, combatido lado a lado. No desfecho, como sabemos, triunfaram os partidários do cesarismo...

Dessa maneira, chegamos ao término da exemplificação do monstruoso, em sentido lato, na primeira *Geórgica* virgiliana. À guisa de recapitulação sumária, pois, basicamente deparamos nela três ocorrências de “monstros” entendidos como seres ou eventos de caráter terrível por seus malefícios às prováveis vítimas (I 118-124/ I 178-186/ I 311-327) e, com essa derradeira (I 466-492), uma mais próxima da velha etimologia da palavra latina em questão, vinculada, segundo dissemos no início, ao caráter de “aconselhamento” dos signos numinosos.

Notas

1. Em *Geórgicas* IV 554-558, o *monstrum* (“prodígio”) a que se refere Virgílio é, na verdade, o estranho renascimento das abelhas de Aristeu por meio da técnica da *bougonia*: *Hic uero subitum ac dictu mirabile monstrum/ adspiciunt, liquefacta boum per uiscera toto/ stridere apes utero et ruptis effluere costis/ immensasque trahi nubes iamque arbore summa/ confluere et lentis uiam demittere ramis.* – “Então, de fato, observam um prodígio súbito e maravilhoso de contar-se: que pelas vísceras liquefeitas dos bois as abelhas ressoam em todo o ventre, ‘borbulham’ após rompidos os flancos, ‘nuvens’ imensas se estiram, já se vão todas para cima da árvore e fazem pender seu ‘cacho’ dos ramos flexíveis” (minha tradução).
2. Cf. Cícero, *Da adivinhação* I 24: *Tum uisam beluam uastam et immanem, circumpectam serpentibus, quacumque incederet, omnia arbusta, uirgulta, tecta peruertere; et eum admiratum quaeisise de deo, quodnam illud esset tale monstrum; et deum respondisse uastitatem esse Italiae praecepisseque ut pergeret protinus; quid retro atque a tergo fieret, ne laboraret.* – “Então foi vista uma besta grande e terrível, entrelaçada com serpentes, e por toda parte que ia derrubava todas as árvores, ramos e tetos. E ele, admirado, perguntou ao deus qual

- coisa era um monstro como aquele. E o deus respondeu que era a ruína da Itália e recomendava que continuasse em frente, sem preocupar-se com o que acontecia atrás e às suas costas” (minha tradução).
3. Cf. Cícero, *Tratado das leis* III VIII 19: “Depois, tendo-se dele dado cabo como, pelas Doze Tábuas, de uma criança marcadamente deformada, em pouco tempo, não sei como, foi restaurado e nasceu muito mais feio e infame” (minha tradução).
 4. Sobre a manifestação do monstruoso como resultado de uma infração ou quebra humana do pacto sagrado implícito entre deuses e mortais, cf., especificamente, Jeha (2007, p. 20): As definições de monstro se desenvolvem de maneira quase histórica: para os antigos gregos e romanos, o monstro era um prodígio, um aviso contra uma infração da *pax deorum*. Qualquer aliança que os deuses pudessem ter tido com os humanos estava para ser rescindida por causa de algum malefício. Até meados do século XII, a palavra significava tanto prodígio quanto maravilha, e se aplicava a uma criatura meio humana, meio animal, “ou que combinava elementos de duas ou mais formas animais, e [era] frequentemente de grande tamanho e aparência feroz”, resultante de uma agência sobrenatural. A Esfinge, a Quimera, o Minotauro e a Medusa indicavam que algum mal cometido estava sendo castigado.
 5. Cf. Suetônio, *As vidas dos doze Césares* (Calígula XXIII): *Hactenus quasi de principe, reliqua ut de monstro narranda sunt.* – “Até aqui, como que de um príncipe, o restante deve ser contado como que de um monstro” (minha tradução).
 6. Em *Geórgicas* I 277-283, Virgílio alude, por exemplo, à Gigantomaquia; como nos explica Commelin (1983, p. 34), trata-se de um luta mítica ocorrida entre Júpiter e os gigantes (Encélado, Polibetes, Alcioneu, Porfíriou, os dois Aloídas, Efialto, Oeto, Eurito, Clito, Títio, Palas, Hipólito, Ágrio, Táon e Tífon), em que eles tentaram destroná-lo, mas foram precipitados do céu por seus raios.
 7. Cf. *Geórgicas* I 118-124: “Contudo, embora tais sejam os trabalhos costumados de homens e bois a ararem a terra, um tanto estorva a pata má, os corvos do Estrimão e a endívia de fibras amargas, ou a sombra prejudica. O próprio Pai quis que o caminho do cultivo não fosse fácil e primeiro moveu os campos com a técnica, aguilhoando os corações mortais com preocupações, nem suportou embotar os seus reinos em uma inércia pesada” (minha tradução).
 8. Em *Geórgicas* I 160, por exemplo, fala-se dos instrumentos agrícolas claramente como “armas” de agricultores (*quae sint duris agrestibus arma.* – “... quais são as armas dos duros camponeses”).
 9. Em *Geórgicas* II 503-512, Virgílio menciona a ambição humana como causa de males desnecessários na guerra e na perda das raízes de cada homem que parte ávido de riquezas; ora, para navegar em pilhagem ou ataque são precisos os remos que cita o poeta em v. 503, e, para fazer as conquistas, decerto as armas implícitas em todo derramamento de sangue...
 10. Nos versos II 490-502 desta obra, Virgílio apresenta os agricultores como homens felizes em sua piedade rústica e falta de ambição desmedida.
 11. Aos bosques, inclusive, atribuíam-se caráter sagrado na cultura romana (cf. carta XLI de Sêneca): *Si tibi occurrerit uetustis arboribus et solitam altitudinem egressis frequens lucus et conspectum caeli ramorum aliorum alios protegentium summouens obtentu, illa proceritas silvae et secretum loci et admiratio umbrae in aperto tam densae atque continuae fidem tibi numinis faciet.* – “Caso encontrares um bosque cheio de árvores antigas que cresceram além do normal e que impede a visão do céu pelo sombrear de uns ramos encobrindo outros, tal altura da mata, o mistério do lugar e a admiração de uma sombra tão densa e contínua a céu aberto vai dar-te a fé num deus” (minha tradução).
 12. Cf. *Geórgicas* I 178-186: “Primeiro, a eira deve ser nivelada com um grande cilindro, lavrada à mão e solidificada com greda tenaz, para que as ervas não se acerquem nem

se rache vencida pelo pó e, assim, várias pestes escarneçam: com frequência, o rato pequenino construiu seu ninho debaixo da terra e armazenou, ou as toupeiras cegas escavaram moradas, o sapo e muitos monstros que as terras produzem foram encontrados em covas; o gorgulho e a formiga que teme uma velhice indigente pilham um monte enorme de cereal” (minha tradução).

13. As outras estão em III 152 e IV 554.
14. Cf. *Gênesis* 3 19: *No suor do teu rosto, comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado, porquanto és pó e em pó te tornarás.*
15. Cf. *supra* nota 8.
16. Sobre o caráter formador da épica homérica entre os gregos, cf. Jaeger (1942, p. 61).
17. Cf. edição das *Geórgicas* preparada por Mynors (2000, p. 136): *Il* 282-3. *aere renidenti: the glitter is Homeric: “Il.” 20.362 ge\lasse de\ pa=sa peri\ xqw\ n xalkou= u(po\ steroph=j.*
18. Cf. a ideia virgiliana das “armas” dos agricultores nas *Geórgicas* e a importância desse mesmo conceito numa *Eneida* (Virgílio, 2002, I 1): *Arma uirumque cano...* – “Eu canto as armas e o varão...” (minha tradução).
19. Cf. *Geórgicas* II 311-327: “Por que falaria das tempestades e das constelações de outono e de que os homens devem cuidar quando o dia já é mais breve e o verão mais brando, ou quando a primavera chuvosa desaba, quando a seara do trigo já se eriçou nos campos e quando os grãos leitosos se incham na haste verde? Com frequência eu vi, levando o agricultor quem colheria aos campos dourados e cortando ele já a cevada da haste frágil, tanto avançarem todas as batalhas dos ventos que arruinavam largamente a plantação grávida, expulsa para os ares desde as mais fundas raízes: assim a tempestade levava em negro turbilhão a haste ligeira e as palhas a voarem. Com frequência, também vem a imensa massa das águas do céu, e as nuvens reunidas do alto formam uma tempestade horrível com chuvas escuras; desaba o alto éter e desfaz com uma chuva enorme os campos felizes e os trabalhos dos bois; enchem-se as fossas, os rios profundos transbordam com ruído e ferve o mar com braços que respiram” (minha tradução).
20. Cf. *Geórgicas* I 51: *Varium caeli (...) morem* – “O caráter mutável do clima” (minha tradução).
21. Cf. *Geórgicas* I 466-492: “Ele também se apiedou de Roma com a morte de César, quando cobriu a cabeça brilhante com uma ferrugem escura e as gerações ímpias temeram a noite eterna, embora naquele tempo a terra, as planícies do mar, as cadelas agourentas e as aves funestas também dessem sinais. Quantas vezes, rompidas as fornalhas, vimos o Etna ferver agitado nos campos dos Ciclopes, e atirar globos de fogo e pedras liquefeitas! A Germânia ouviu em todo o céu o som das armas e os Alpes tremeram com movimentos insólitos. Uma voz alta também foi ouvida pelo povo nos bosques silenciosos, imagens pálidas de admiráveis feições foram vistas na penumbra da noite e (terrível!) o gado falou; os rios param e as terras se abrem, o marfim chora triste e os bronzes suam nos templos. O Eridano, rei dos rios, banha as matas contorcendo-se com uma crista insana e levou por todos os campos os rebanhos com os estábulos. Nem, na mesma época, cessou de se mostrar a fibra ameaçadora nas entranhas tristes ou o sangue de manar dos poços, e as altas cidades ecoaram à noite com o ulular dos lobos. Nunca caíram do céu sereno mais raios nem cometas agourentos se inflamaram tantas vezes. Assim, Filipo viu novamente as frentes de batalha romanas enfrentarem-se entre si com dardos iguais, nem foi indigno dos deuses umedecer duas vezes com nosso sangue a Emátia e os largos campos do Hemo” (minha tradução).
22. Cf. *Égloga* I 6-8: *O Meliboe, deus nobis haec otia fecit;/ namque erit ille mihi semper deus; illius aram/ saepe tener nostris ab oulibus imbuet agnus.* – “Melibeu, foi um deus que me propôs um ócio tal./ Por isso, ele será sempre um deus para mim./ Um tenro

- cordeiro de meu aprisco banhará frequentemente o seu altar" (trad. de Zelia A. Cardoso).
23. Para uma explicação detalhada do "cesarismo" de Virgílio, cf. Wilkinson (1997, p. 153-159).

Referências

- Bíblia sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.
- Cícéron. *De la divination. Du destin. Académiques*. Traduction par Charles Appuhn. Paris: Garnier, s.d.
- _____. *Traité des lois*. Texte établi et traduit par Georges de Plinval. Paris: Les Belles Lettres, 1959.
- Commelin, Pierre. *Nova mitologia grega e romana*. Tradução de Thomaz Lopes. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.
- Cornelius Nepos. Quinte-Curce. Justin. Valère Maxime. Julius Obsequens. *Oeuvres complètes*. Paris: Firmin-Didot, 1864.
- de Coulanges, Fustel. *A cidade antiga*. Tradução de Jonas Camargo Leite e Eduardo Fonseca. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.
- Ernout, Alfred; Meillet, Antoine. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Paris: Klincksieck, 1939.
- Ferguson, John. *The religions of the Roman empire*. London: Thames and Hudson, 1982.
- Glare, Peter. Geoffrey. William. et alii. *Oxford Latin dictionary*. Oxford: University Press, 1968.
- Grimal, Pierre. *La littérature latine*. Paris: Fayard, 1994.
- Jaeger, Werner. *Paideia. Los ideales de la cultura griega*. Versión española de Joaquín Xirau. Pánuco: Fondo de Cultura Económica, 1942.
- Jeha, Julio. Monstros como metáforas do mal. In: _____. *Monstros e monstruosidades na literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- Neri, Maria Luiza; Novak, Maria da Glória. (org.). *Poesia lírica latina*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- Seneca. *Epistulae*. V. I. With an English translation by Richard M. Gummere. Cambridge, Massachusetts/London, England: Harvard University Press, 1996.
- Suétone. *Tibère. Caligula*. Traduction par Henri Ailloud. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- Trevizam, Matheus. *Linguagem e interpretação na literatura agrária latina*. Tese inédita apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística do IEL-UNICAMP como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Linguística na área de Estudos Clássicos (Latim). Campinas: UNICAMP, 2006.
- Virgílio. *Eneide*. Introduzione di Antonio La Penna, traduzione e note di Riccardo Scarcia. Milano: Rizzoli, 2002.
- _____. *Georgics*. Edited with a commentary by R. A. B. Mynors. Oxford: Clarendon Press, 2000.
- _____. *Géorgiques*. Traduction par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1998.
- Wilkinson, L. P. *The Georgics of Virgil: a critical survey*. Norman: University of Oklahoma Press, 1997.